

The background of the cover is a photograph of a vast archive. It shows multiple rows of hanging folders, likely in a metal cabinet. The folders have white paper inserts and green labels. The perspective is from a slightly elevated angle, looking down at the rows, which create a strong sense of depth and repetition. The lighting is soft, highlighting the textures of the paper and the metallic sheen of the folders.

ESCRITA DA HISTÓRIA E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

CRISTINA FREIRE
organizadora

ESCRITA DA HISTÓRIA

E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

X Congresso Internacional de Estética e História da Arte
Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte

Comitê Científico

Cristina Freire (MAC USP / PGEHA USP)
Lisbeth Rebollo Gonçalves (ECA USP / PGEHA USP)
Edson Leite (MAC USP / PGEHA USP)
Vera Pallamin (FAU USP / PGEHA USP)

Comissão Geral do Congresso

Águida Furtado Vieira Mantegna
Andrea de Lima Lopes Pacheco
Guilherme Weffort Rodolfo
Joana D'Arc Ramos Silva Figueiredo
Paulo Cesar Lisbôa Marquezini
Sara Vieira Valbon

Apoio

Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – PGEHA USP
Museu de Arte Contemporânea – MAC USP
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo – PRCEU
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

GEACC - Grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu
CALT - Cultura e Arte no Lazer e Turismo

ESCRITA DA HISTÓRIA

E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

CRISTINA FREIRE
organizadora



São Paulo 2016

© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01
05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br - www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Lourival Gomes Machado do
Museu de Arte Contemporânea da USP

Congresso Internacional de Estética e História da Arte (10., 2016, São Paulo) .

Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate / organização Cristina Freire. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.

374 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-074-6

1. Estética (Arte). 2. História da Arte. 3. Arquivos de Arte. I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Freire, Cristina.

CDD – 701.17

Fotografia capa: Fernando Piola

*Tradução dos textos de Ticio Escobar, Sebastián Vidal Valenzuela, Fernando Davis,
Daniella Carvalho e Claudia Rojas:* Maria Cristina Caponero

Revisão de textos: André Henriques Fernandes Oliveira

Produção editorial: Águida Furtado Vieira Mantegna, Paulo Cesar Lisboa Marquezini e Sara Vieira Valbon

Organização: Cristina Freire

Publicação do X Congresso Internacional de Estética e História da Arte - Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate, realizado nos dias 24 a 27 de outubro de 2016 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

O CARNAVAL NAS OBRAS DE PORTINARI: REGISTRO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

MARIA CRISTINA CAPONERO¹

EDSON LEITE²

INTRODUÇÃO

Desde o séc. XVI, as festas vêm pontuando a vida cotidiana brasileira, mas seus primeiros registros iconográficos surgiram somente no séc. XIX, com a produção dos artistas viajantes que integraram expedições artísticas e científicas com o propósito de documentar pela arte. Esses registros são importantes fontes iconográficas para o estudo da vida social brasileira por representarem acontecimentos históricos, cotidianos, usos e costumes.

As transformações sociais, a evolução da indústria, a vida simples no campo, as crenças populares, as festas etc. foram retratadas pelos modernistas da primeira geração que estavam preocupados com os diversos aspectos de nossa identidade cultural. Suas obras são plenas de crítica social revelada implícita ou explicitamente em meio a seus potenciais criativos e estético-expressivos, transportando-nos para cenários ricos em cores e traços, mas plenos de múltiplos sentidos e significados. No entanto, eles acabaram incorrendo, muitas vezes, no mesmo erro dos acadêmicos que eles próprios condenavam, procurando o Brasil na Europa.

CANDIDO PORTINARI E SUA OBRA

Portinari estudou na Europa, mas, durante o período em que lá permaneceu, nunca pintou, decidiu que, ao retornar ao Brasil em 1931, pintaria “aquela gente com

-
1. **Maria Cristina Caponero.** Pós-doutoranda do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP).
 2. **Edson Roberto Leite.** Professor titular do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP) e docente no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).

aquela roupa e com aquela cor...” (PROJETO PORTINARI, s/d). Em suas obras é frequente o elemento popular, retratando em várias delas os mais pobres ou infelizes, os seus sentimentos, as suas memórias, as recordações e reminiscências de sua infância que envolviam temas folclóricos e regionais, inclusive as festas, sobretudo o Carnaval, abrindo, assim, uma pequena fresta da nossa realidade histórica e sociocultural.

Portinari não “concebia sociedade sem arte, nem arte sem significado social” (AJZENBERG, 2012, p. 16). Segundo ele, “[...] todo artista que medite sobre os acontecimentos que perturbam o mundo chegará à conclusão de que fazendo um quadro mais ‘legível’ sua arte, ao invés de perder, ganhará. E ganhará muito, porque receberá o estímulo do povo” (PORTINARI, 1947. In: MOREIRA, 2001, p. 129).

O CARNAVAL NA OBRA DE CANDIDO PORTINARI

Portinari pintou vinte e cinco obras que tiveram as festas como temática, sendo dez delas especificamente sobre o Carnaval, a saber: *Bloco Carnavalesco* (1933), *Desfile de Carnaval* (1941), *Maria Rosa no Carro* (1941), *Máscara* (1941), *Carnaval* (1942), *Frevo* (1956), *Frevo* (1957), *Carnaval* (1957), *Carnaval* (1960) e *Frevo* (1961).

No desenho *Bloco Carnavalesco*, Portinari destaca que a festa ocorria no espaço público urbano, perceptível pelo poste de luz e por algumas edificações dispostas no fundo da cena. Trata-se de um bloco de rua com sua bandeira, um aglomerado desordenado que ocupa um espaço público delimitado, provavelmente afastado da cidade. Portinari mostra que a festa mobilizava homens e mulheres, predominantemente negros, perceptível pelos traços físicos dos personagens retratados (lábios volumosos e grossos, narinas grandes, cabelos crespos, corpos robustos e deformados, ressaltados numa expressão típica de Portinari, visando a retratar a força de trabalho) e pelas vestimentas (turbantes, saias rodadas e chapéus).



Figura 1 - PORTINARI, C. *Bloco Carnavalesco*, 1933.

Desenho a crayon/papel. Composição em preto e branco, 35 x 73 cm

Fonte: Coleção Particular. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/3436/detalhes>>.

Acesso em: jun. 2016.

Portinari também traz à luz o caráter popular dos festejos pela presença de brincadeiras, da espontaneidade e da permissividade característica do Carnaval, reveladas pelos trajes e pelo uso da máscara. O desenho nos deixa entrever que a música e a dança ritmavam a festa; a música marcada pelo pandeiro e pela cuíca e a dança pela posição dos braços abertos e elevados e das pernas afastadas ou levantadas, representando corpos em movimento que realçam a euforia e a alegria da festa.

Em *Desfile de Carnaval*, a cena que predomina é o panorama de uma ampla avenida cercada por edificações luxuosas, com sacadas, por onde passa um desfile de luxuosos carros conversíveis, marcando a distinção social e mostrando que as pessoas de alto poder aquisitivo também se apoderavam da festa. Portinari foca nos que brincam na avenida; é a eles que são lançados os facho de iluminação vindos dos holofotes do alto dos prédios (LARA; SOUZA; PORELLI; CORDEIRO, 2011), mesmo estando representados sem traços fisiológicos numa demonstração de que a festa era de todos e para todos. As brincadeiras que ocorriam durante a festa estão simbolizadas por linhas coloridas que atravessam toda a pintura, sugerindo serpentinas sendo lançadas dos camarotes ou das sacadas. A alegria da festa é salientada pelas cores vermelho, azul e amarelo.

A obra *Maria Rosa no Carro* possui características semelhantes às da obra supracitada, demonstrando que os desfiles carnavalescos contavam com a presença dos brancos da elite, simbolizados por um homem e duas meninas de corpos refinados, confortavelmente acomodados num luxuoso carro conversível e elegantemente trajados: ele trajando terno, gravata borboleta, chapéu e sapatos, elas, vestidos rodados, vestimentas que poderíamos considerar inadequadas à festividade. A alegria da festa é salientada pelo uso das cores amarelo, azul e vermelho das vestimentas, das serpentinas e dos confetes lançados sobre o carro. Próximo à roda do carro visualizamos uma máscara, peça típica e essencial dos festejos carnavalescos, usada, inclusive, para ocultar e mesclar as diferentes classes sociais.

A máscara, o confete, a serpentina, o pandeiro e outros apetrechos fundamentais às comemorações carnavalescas ganham destaque na obra *Máscara*.



Figura 2 - PORTINARI, C. *Carnaval* (1957)

Pintura à aquarela e a grafite/papel nos tons amarelos, ocre, cinzas, branco e preto, 27,9 x 48,3 cm.

Fonte: Coleção Particular. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/5308/detalhes>>. Acesso em: jun. 2016.

Em *Carnaval* (1957), Portinari demonstra a pluralidade permissiva de uma festa em que tudo é válido. Na obra estão representados três homens dançando frevo: um deles porta a sombrinha típica da festividade pernambucana; um segundo traja roupas e chapéu de cangaceiro e porta uma espingarda e o terceiro traja uma fantasia de *Bumba meu boi* e chapéu de palha. As brincadeiras carnavalescas são ressaltadas pelos meninos que dançam e *plantam bananeira*. A presença da música é constatada pelo esboço de um homem tocando clarineta e por outro tocando chocalho. A geometrização dá ritmo à tela, delineando as pessoas e permitindo que os corpos se toquem e se misturem. O fundo é preenchido com áreas geométricas irregulares.

Ajzenberg (2012) explica que a geometrização nas obras de Portinari surge como possibilidade de solução estética inspirada, em grande parte, em Picasso. Os tons pálidos que transitam entre o sépia rosado e o degradê ocre representam uma homogênea sobriedade e tristeza características do pintor, mesmo ao retratar o Carnaval, festa dominada pela alegria e pelas cores.



Figura 3 - PORTINARI, C. *Carnaval* (1960).

Pintura a óleo/cartão, nos tons azuis, amarelos, rosas, violetas, vermelhos, laranja, terras, branco, verde e preto, 20 x 23,5 cm.

Fonte: Coleção Particular. Maquete para o painel Frevo pertencente ao Pampulha Iate Clube.

Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#!/acervo/obra/5308/detalhes>>. Acesso em: jun. 2016.

Em *Carnaval* (1960), Portinari representa a avenida, os prédios, o mar e o céu. A multidão agrupada representa os integrantes de uma Escola de Samba, com a presença da porta-bandeira, dos músicos e das baianas. O Carnaval espetáculo é simbolizado pelos expectadores sentados nas arquibancadas sugeridas no fundo da tela. Assim como em algumas das obras anteriormente citadas, causa estranheza o fato de novamente Portinari colocar na cena um homem trajando fantasia de *Bumba meu Boi*, com roupa e chapéu de cangaceiro e cartuchearas cruzadas no peito. Na cena há também um tocador de cuica que porta um chapéu pontudo em alusão ao palhaço.

O sambista está estereotipado por um homem (sem face) trajando camiseta listada, terno claro, chapéu de palha e sapatos de verniz e que permanece sentado sobre um caixote, tocando uma viola. A presença dos negros é predominante na festividade, mas alguns brancos também estão presentes, mas apenas como músicos, tocando flauta, violão, cuíca e clarinete, alguns destes, inclusive, instrumentos normalmente não associados à festividade. Os diferentes níveis sociais também são demarcados pelos pés descalços dos negros em oposição aos brancos calçados. A composição é toda geometrizada, exceto no canto superior esquerdo onde estão representados os elementos que nos permitem espacializar a festa – o calçadão com desenho característico da Praia de Copacabana. Contrariamente à obra *Carnaval* (1957), nesta obra homônima, datada de 1960, a festividade e os foliões ganham brilho, alegria e emoção pela exaltação cromática com o emprego de cores claras, quentes e vibrantes, característica não usual na obra de Portinari.

Portinari pintou ainda diversas obras correlacionadas com o Carnaval, intituladas *Frevo* (1956, 1957, 1960 e outras), mas não as contemplamos na presente análise por serem um recorte de uma prática regionalizada. Também não foi contemplada a obra *Carnaval* (1942) pois, apesar de seu título, não apresenta nenhum indício de que se refira à festa em questão, uma vez que o espaço retratado é o morro e o destaque dado por Portinari é para a música. Esta obra, inclusive, foi um estudo para a realização posterior de uma outra, executada sob encomenda de Assis Chateaubriand para decorar a sede da Rede Tupi do Rio de Janeiro, passando então a se chamar *Morro* e deixando à parte o Carnaval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as representações iconográficas do Carnaval nas obras de Candido Portinari, entendendo-as como fontes que nos permitiram compreender os elementos visuais nelas contidos e os sentidos aludidos por estas imagens, contamos que elas transmitem inúmeras informações históricas e sociais, permitindo claramente a constatação da realidade e a preservação da memória. No entanto, ao utilizarmos uma pintura como uma fonte documental, devemos ter em mente que se trata de uma representação da vida material e não um retrato fiel da realidade, mas, mesmo assim, ela pode nos fornecer pistas para conhecermos os valores cultivados por uma determinada sociedade.

Como vimos, provavelmente buscando realçar a cultura popular, Portinari insere no registro do Carnaval diversas figuras alheias à festividade como o cangaceiro, o *Bumba meu Boi*, o palhaço, os capoeiristas e outras. Certo é que Portinari sempre deu muita importância ao conteúdo de suas obras, porém não devemos nos esquecer de que ele é pintor e que usa a liberdade que lhe permite a arte (AJZENBERG, 2012).

REFERÊNCIAS

AJZENBERG, Elza. **Portinari**: Três Momentos. São Paulo: Edusp, 2012.

LARA, Larissa M.; SOUZA, Thais G. de; PORELLI, Ana Beatriz G.; CORDEIRO, Natália C. R. **Iconografia das festas populares em Cândido Portinari**: sentidos/significados das expressões carnavalescas. Rio Claro: Motriz, v. 17, n. 3, p. 498-510, jul/set, 2011.

PORTINARI, Candido. Sentido Social del Arte. Buenos Aires: Centro de Estudiantes de Bellas Artes, 1947. In: MOREIRA, Marcos. **Cândido Portinari**. São Paulo: Três, 2001.

PROJETO PORTINARI. Disponível em: <www.portinari.org.br>. Acesso em: jun. 2016.